

ECDÓTICA
UMA ABORDAGEM PANORÂMICA
DOS PRINCIPAIS TIPOS DE EDIÇÃO

Beatriz da Silva (UERJ)
beatrizsvargas@gmail.com

INTRODUÇÃO

Crítica textual (também chamada de *baixa crítica* ou *crítica documental*) é o nome dado ao estudo dos textos antigos e da sua preservação ao longo do tempo. Isto se dá, especialmente, no tocante aos manuscritos bíblicos antigos. A sua tarefa é, portanto, a de reconstituir o texto de forma que seja o mais fiel possível ao original com base nos documentos textuais disponíveis.

O texto ao ser transmitido vai sofrendo modificações ao longo do tempo, isto é, a cada cópia que se faz é mudada a sua constituição, seja por ato involuntário ou não de quem o copia. Por este motivo a Crítica Textual tem como seu objeto primordial a *restituição da forma genuína dos textos*.

As transformações que os textos podem sofrer ao longo do tempo no processo de transmissão podem ser classificadas de *exógenas* e *endógenas*.

As *modificações exógenas* derivam fundamentalmente da *corrupção do material* utilizado para registrar um texto: tanto da matéria subjetiva (papiro, pergaminho, papel etc.). A corrupção do material dá-se por vários motivos: umidade, sol, fogo, insetos, vandalismo etc.

Já as *modificações endógenas* são aquelas que derivam do *ato de reprodução do texto em si*, ou seja, do processo de realização de sua cópia em um novo suporte material. As exógenas diferem das endógenas porque a origem destas é interna ao ato da cópia (depende de seu responsável), enquanto a daquelas é externa, a medida em que não depende de seu realizador, pois, mesmo que executasse a cópia com extrema precisão, o resultado ainda assim estaria comprometido, por defeito do próprio modelo. As modificações endógenas po-

dem ainda ser subdivididas em duas outras categorias: *autorais e não autorais*.

As modificações *autorais* são realizadas pelo próprio autor intelectual da obra.

Modificações *não autorais* são as que ocorrem sem a autorização nem o conhecimento do autor. Essas modificações podem ser subdivididas em *voluntárias ou involuntárias*.

São modificações *voluntárias* aquelas que ocorrem por ato deliberado de quem reproduz o texto.

Constituem-se modificações *involuntárias* aquelas que ocorrem por lapso de quem reproduz o texto. Esse tipo de modificação é conhecido tradicionalmente como erro de cópia.

Como disciplina integrante da Ecdótica, técnica de editar um texto, a Crítica Textual estabelece com esta ciência uma relação de inclusão, logo que está voltada apenas para a parte crítica de um texto e não para a totalidade dos recursos que envolvem a técnica e a arte editorial.

O presente trabalho objetiva fazer uma breve abordagem da Ecdótica, a arte de editar textos, enfatizando os seguintes tipos de edição crítica: edição abreviada, edição anotada, edição atualizada, edição autorizada, edição clássica, edição compacta, edição corrente, edição crítica ou exegética, edição crítico-genética, edição bibliófilo, edição definitiva, edição diamante, edição diplomática, edição espúria, edição expurgada, edição fac-similar, edição paleográfica, edição príncipe, edição sonora e edição virtual.

1. Desenvolvimento

A origem da crítica Textual é bastante remota (datam de muito antes do início da Era Cristã). No decorrer dos anos, foi-se firmando a ideia básica da preservação e transmissão fiel dos textos, como os textos sagrados de várias religiões e os textos literários da antiguidade greco-latina, principalmente.

Em relação aos textos da antiguidade Clássica é sabido que as mais antigas edições críticas são as dos poetas gregos pré-helenísti-

cos, levadas a termos pelos críticos alexandrinos, tais como Aristófanes de Bizâncio e Aristarco de Samotrácia.

Coube a Karl Lachmann (1793-1851), fixar conceitos básicos de *recensio*, *collatio*, *emendatio*, *archetypum*, agrupando geneticamente os manuscritos conforme suas relações de parentesco e eliminando aqueles suspeitos de contaminação.

O método proposto por Lachmann, está na origem de uma das grandes correntes da Crítica Textual moderna, em geral seguida pelos críticos alemães e italianos, ao lado da teoria do *codex optimus*, de Joseph Bédier, seguida pelos franceses.

Tanto em Lachmann como em Bédier, a edição crítica é tida como operação fundamental para o entendimento perfeito de um texto ou para a sua completa hermenêutica e exegese, segundo critérios que melhor possam aproximá-lo da última vontade lúcida do autor. E para que esse trabalho seja possível, as ciências auxiliares da Paleografia, da Diplomática e da Codicologia desempenham um papel de extrema importância.

Em relação aos textos clássicos, deles não há autógrafos gregos ou latinos, nem mesmo apógrafos diretamente confrontados com o original, restam apenas cópias resultantes de outras cópias intermediárias, tudo isso acarretando sérias dificuldades para a atividade ecdótica.

No tocante dos textos medievais, o estudante brasileiro dispõe da obra básica de Serafim da Silva Neto, intitulada *Textos Medievais Portugueses e seus Problemas*, livro publicado pela casa de Rui Barbosa, em 1956. Nesta obra também não há autógrafos (documento escrito pelo autor) para a imensa totalidade dos textos em prosa ou verso. Contudo, para a constituição de arquétipos, só se pode partir dos apógrafos existentes, ou então trabalhar com um *codex optimus*, eleitos entre os códices conservados.

1.1. Ciências auxiliares

A Crítica Textual não pode desenvolver-se plenamente sem o apoio de várias ciências auxiliares, tais como a Epigrafia, a Paleografia, a Codicologia e a Diplomática.

A Epigrafia tem como objeto de estudo as inscrições feitas em material durável como metal, a pedra ou a madeira. Distingue-se assim, da Paleografia, também voltada para o estudo gráfico de textos antigos, mas já agora escritos em material perecível, como o papiro, o pergaminho e o papel. Em ambos os casos, bem sabemos que os tipos caligráficos não são os mesmos, já que a expressão escrita evoluiu através das épocas. Por isso, cabe à Paleografia estudar a mudança ou a transformação dos tipos gráficos, distribuindo-os em períodos, como o greco-latino, que vai da Antiguidade Clássica até Carlos Magno, no século VIII; o romano, que vai do século IX até o século XI; o gótico, a partir dos meados do século XI, indo até o século XVI, quando a escrita humanística passou a predominar. Portanto, quando se trata da edição de textos antigos e medievais, grafados de formas não coincidentes com a moderna, torna-se inteiramente indispensável o recurso à Epigrafia e à Paleografia, como se pode ver nas boas edições de textos latinos e de textos medievais. No caso, as relações entre fonema e grafema, como é evidente, assumem papel de fundamental interesse.

Num círculo mais amplo, a Diplomática não se limita apenas ao estudo da parte gráfica de um documento (público ou privado), pois examina também os seus caracteres externos, como a matéria escriptórica (papiro, pergaminho, papel); os instrumentos utilizados no ato a escrita; as tintas e o tipo de letra; e os padrões de linguagem e a própria forma do documento. Tudo isso, é claro, para determinar a autenticidade da documentação analisada. Portanto, estando a Ec-dótica empenhada na técnica de editoração de textos literários, a ciência diplomática lhe fornece subsídios preciosos, sobretudo no que se refere à determinação da autenticidade de um texto.

1.2. Alguns tipos de edição

Exige especial reflexão do crítico textual a escolha de um dos tipos fundamentais de edição para ser aplicado a um texto, pois cada tipo tem características muito próprias e distintas. Dois aspectos devem ser necessariamente observados: o público-alvo almejado e a existência de edições anteriores.

A importância de se pensar no público-alvo está no fato de que dificilmente uma mesma edição é adequada para todo tipo de público, pois diferentes são os seus interesses.

Saber se um texto em questão já foi editado antes também é importante, para que sejam evitadas edições redundantes.

De acordo com José Pereira da Silva em "A Ecdótica: arte e técnicas da edição de textos", distingue-se os seguintes tipos de edições:

a) Edição abreviada é aquela cujo texto foi parcialmente suprimido, ou resumido em trechos ou passagens supostamente não essenciais à sua compreensão.

b) Edição anotada é aquela cujo texto se faz acompanhar de notas destinadas a esclarecê-lo ou atualizá-lo.

c) Edição atualizada é aquela cujo texto sofreu acréscimos e/ou modificações em relação à anterior, no sentido de pôr em dia a matéria tratada.

d) Edição autorizada é a que recebe aprovação expressa do autor ou detentor dos direitos editoriais, para distingui-la das fraudulentas. Geralmente coincide com a edição definitiva, quando é autorizada após a morte do autor.

e) Edição clássica, que pode ser de um texto antigo ou moderno, é feita de modo que se torne correntemente aceita como modelo. Tratando-se de texto recente, costuma coincidir com a edição definitiva.

f) Edição compacta é aquela em que, para reduzir o número de páginas, se adotam caracteres e composição cerrada. Às vezes coincide com as denominadas edições de bolso ou com as edições populares.

g) Edição corrente é a mais comum, feita para o grande público, e que contém o texto puro e simples da obra.

h) Edição crítica, também denominada edição exegética, é aquela em que se procura estabelecer o texto perfeito de uma obra.

i) Edição crítico-genética, edição genético-crítica ou "edição crítica em uma perspectiva genética" é o resultado mais prático que se tem conseguido na edição de textos com a análise dos manuscritos, rascunhos e todo tipo de anotações que precederam a edição definitiva do texto pelo autor.

j) Edição de bibliófilo é a que se destina a colecionadores, impressa em papel de qualidade, geralmente ilustrada, de tiragem reduzida e exemplares numerados e, quando possível, assinados pelo autor, ilustrador etc. É uma edição de luxo, geralmente em formato grande e com margens amplas, às vezes composta com tipos especiais, ornada de ilustrações e, não raro, suntuosamente encadernada.

k) Edição definitiva é aquela cujo texto foi, pelo autor, considerado definitivamente estabelecido.

l) Edição diamante, edição liliputiana ou edição microscópica, é aquela que tem um formato minúsculo, impressa com tipos de ínfimo corpo, aos quais outrora se dava, em geral, o nome de diamante.

m) Edição diplomática (segundo o Aurélio) é a que reproduz fielmente outra edição, mediante composição com tipos de desenho igual ou quase igual e do mesmo corpo, conservação das mesmas medidas e estilo tipográfico, ortografia, abreviaturas etc., e até dos erros de revisão porventura existentes.

n) Edição espúria, edição pirata, ou edição fraudulenta é a que é feita sem consentimento do autor ou do detentor dos direitos autorais.

o) Edição expurgada é aquela de que se eliminaram as passagens tidas como inconvenientes por motivos políticos, éticos ou religiosos.

p) Edição fac-similar ou fac-similada é a que reproduz mecanicamente. Até recentemente, isto só era possível através de fotocópia. Hoje, pode-se copiar o texto para a memória do computador e depois reproduzi-lo em impressora, disquetes, cds etc. ou divulgá-lo, como imagem, pela Internet.

q) Edição paleográfica é a que transcreve fiel e exatamente um manuscrito, respeitando-lhe a grafia, pontuação etc., e colocando entre colchetes os acréscimos julgados necessários.

r) Edição príncipe ou edição *princeps* é a primeira edição de um livro.

s) Edição sonora de um texto, ultimamente bastante utilizada pelas igrejas para a difusão dos livros da Bíblia, através de padres, pastores ou locutores bastante conhecidos. Os recursos e técnicas utilizadas são bastante diversos e exigem a integração do editor de textos com equipamentos e com profissionais de áreas bastante diversas daquelas com que até recentemente se defrontava.

t) Edição virtual é a que se transmite via Internet, podendo ser copiada, geralmente, para a memória dos computadores pessoais e reproduzida em papel ou disquetes com grande fidelidade, facilidade e a custos quase insignificantes.

A edição crítica não deve ser confundida com a edição mecânica, nem com edição diplomática, pois de ambas se distingue em suas etapas específicas de operar, indicadas abaixo:

1. *Recensio* [recessão]; levantamento de todos os dados relacionados com o texto a ser editado.
2. *Collatio* [colação];
3. *Eliminatio codicum descriptorum* [exclusão dos códices descritos];
4. Classificação estemática da tradição manuscrita (se houver) e da tradição impressa (textos não eliminados, após a *examinatio* [avaliação crítica]);
5. *Emendatio* [correção]; deve obedecer a princípios básicos, pois não se emenda o que não for comprovadamente erro.
6. *Constitutio textus* [constituição do texto crítico], após a *selectio* [seleção];
7. Apresentação do texto reconstituído;
8. Aparato de variantes.

Podem-se ainda relacionar muitos outros tipos de edição de textos ou descrever detalhadamente os processos de cada uma das modalidades apresentadas.

2. *Conclusão*

No trabalho apresentado, procurou-se dizer que o objetivo maior de uma edição crítica consiste em restituir um texto, tanto quanto possível, à sua forma genuína. Assim, o conhecimento da língua e da época em que o texto foi escrito, desde logo, transforma-se em exigência preliminar. Nem se poderia, sem o indispensável recurso às principais ciências auxiliares da Ecdótica já aqui referidas, entender o valor e o sentido de um texto, dele eliminando o conjunto de alterações acumuladas durante o processo de sua transmissão. Portanto, editar criticamente um texto (conjunto e expressões fixadas pela escrita) é apresentá-lo ao leitor em sua forma possivelmente originária ou livre e impurezas. Em outras palavras, um texto-mensagem pressupõe a existência de um código linguístico usado em determinada época; de um emissor ou autor; de um canal ou veículo de transmissão, que é o documento manuscrito ou impresso; e de um receptor ou leitor. E, como há sempre “ruídos” em qualquer processo de comunicação, a edição de um texto está sempre sujeita a lacunas, saltos, lapsos de revisão de revisão ou de cópia, omissões, transposições, troca de letras ou de palavras, inovações, interpolações, em suma, erros de toda a espécie, cabendo a Crítica Textual a análise técnica de todas essas questões, sempre com a finalidade de restituir o texto à sua possível forma originária ou genuína.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Base teórica de crítica textual*. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação, 2004.

CAMBRAIA, César Nardelli: *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SILVA, José Pereira da. *A ecdótica: arte e técnica da edição de textos*. Disponível em:
<http://www.filologia.org.br/anais/anais%20III%20CNLF39.html>